



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO  
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

## **DO RIO GRANDE DO SUL**

V. 6 N. 2

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO**

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA**

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

# BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 6 N. 2, julho 2024

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 6	n. 2	p. 1-20	jul. 2024
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 20.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

*E-mail:* [dee@planejamento.rs.gov.br](mailto:dee@planejamento.rs.gov.br)

*Homepage:* <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Martinho Roberto Lazzari e Tomás Amaral Torezani

Revisão Técnica: César Stallbaum Conceição e Vinícius Dias Fantinel

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinícius Ximendes Lopes

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento,  
Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n.  
1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e  
Gestão, 2019- .  
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia –  
Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de  
Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e  
Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	4
<b>1 CENÁRIO EXTERNO</b>	5
<b>2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL</b>	8
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	8
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS .....	9
2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO .....	10
<b>3 CENÁRIO INTERNO — RS</b>	11
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	11
3.2 SETOR EXTERNO .....	14
3.3 MERCADO DE TRABALHO .....	14
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS .....	15
3.5 BALANÇO E PERSPECTIVAS .....	16
<b>PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS</b>	18
<b>REFERÊNCIAS</b>	19

## SUMÁRIO EXECUTIVO

No começo de 2024, as principais economias mundiais continuaram a apresentar desempenhos mistos, com desaceleração nos Estados Unidos e expansão na China e na Área do Euro. No primeiro caso, é o terceiro trimestre seguido de queda nas taxas de crescimento, influenciada principalmente pela desaceleração do consumo e das exportações. A China apresentou aceleração no primeiro trimestre, amparada no aumento das exportações industriais. A Área do Euro voltou a crescer, após um quarto trimestre de 2023 de queda, a partir da elevação do consumo e das exportações. Já a Argentina, importante parceiro comercial do Brasil e do Rio Grande do Sul, entrou em recessão técnica, registrando uma retração de 2,6% no primeiro trimestre do ano. As pressões inflacionárias ainda persistem nas principais economias mundiais, sugerindo uma demora maior do que a esperada na flexibilização das políticas monetárias. Em relação às *commodities*, os preços vêm oscilando ao longo do ano, mostrando uma leve tendência de alta, em razão da oferta menos restritiva. As perspectivas para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global para 2024 são de estabilidade, variando, de acordo com o órgão, entre 2,6% e 3,2%, o que encerraria um período de três anos consecutivos de desaceleração mundial.

A economia brasileira apresentou crescimento de 0,8% no primeiro trimestre do ano, na comparação com o trimestre imediatamente anterior. Pelo lado da oferta, foram importantes os avanços na agropecuária (11,3%) e nos serviços (1,4%). Pela ótica da demanda, as altas mais importantes ocorreram na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) (4,1%) e no consumo das famílias (1,5%). Com o avanço na margem, o nível do PIB do Brasil renovou seu ponto máximo, estando 4,5% acima do pico anterior, registrado no primeiro trimestre de 2014. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o avanço do PIB nacional foi de 2,5%. A inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) apresentou alta de 4,23% nos 12 meses encerrados em junho de 2024, uma leve elevação em relação a abril. Em um quadro de aumento das incertezas, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB) encerrou o movimento recente de redução da taxa Selic, com a manutenção dos juros em 10,50% ao ano. Pelo lado das contas públicas, no acumulado em 12 meses até maio de 2024, o déficit primário do setor público consolidado atingiu 2,53% do PIB, resultando em aumentos da dívida pública. Para

2024, as principais projeções indicam um crescimento do PIB entre 2,1% e 2,2%.

Os dados do PIB do Rio Grande do Sul do primeiro trimestre de 2024 foram bastante positivos. Em relação ao trimestre imediatamente anterior, a economia gaúcha cresceu 4,1%, com grande avanço da agropecuária (59,1%), resultado de uma safra cheia. Na comparação com o mesmo trimestre de 2023, o PIB do Estado cresceu 6,4%, igualmente com a agropecuária (43,5%) sendo o principal destaque positivo.

O quadro desenhado do começo do ano, que indicava um avanço importante da economia gaúcha ao longo de 2024, foi drasticamente afetado pelas enchentes de maio. Seus impactos foram sentidos em todas as atividades econômicas. Houve diminuição da produção de grãos, que ainda estavam por ser colhidos em maio e junho, redução da produção industrial de maio, fortemente impactada pelas inundações e problemas logísticos, retração de atividades do comércio e dos serviços e queda no emprego e na arrecadação.

De janeiro a junho, o valor das exportações do Estado alcançou US\$ 9,112 bilhões, uma queda de 11,2% na comparação com o mesmo período de 2023. Especificamente nos meses de maio e junho, a retração foi de 8,7%, desempenho explicado pelas reduções dos valores exportados das atividades industriais.

No mercado de trabalho, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados do primeiro trimestre do ano (5 milhões e 897 mil pessoas) apresentou estabilidade, da mesma forma que o rendimento médio e a massa real de rendimentos. A taxa de desocupação chegou a 5,8%, 0,6 ponto percentual maior que a registrada no trimestre imediatamente anterior, mas estável na comparação com o mesmo trimestre de 2023. Os dados da PNAD Contínua ainda não refletiram os impactos das enchentes no mercado de trabalho do Estado. Já as informações de maio do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), que apresentam dados exclusivamente do mercado formal, retrataram os primeiros efeitos das enchentes sobre a produção e, por consequência, sobre os empregos. No quinto mês do ano, houve redução de 22.180 vagas no mercado formal do Estado.

Entre janeiro e abril de 2024, a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) foi, a preços de junho de 2024, de R\$ 16,599 bilhões, um crescimento de 14,3% em relação ao mesmo

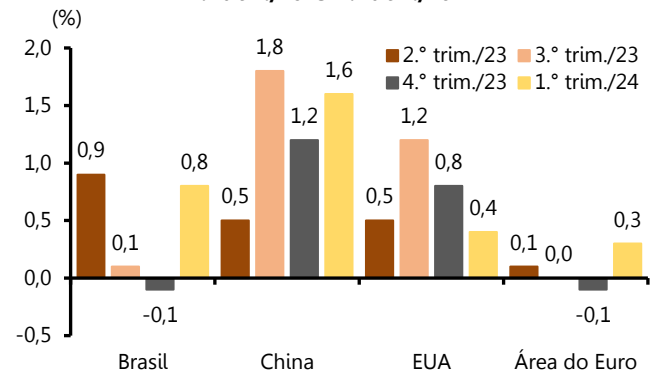
período de 2023. Com os efeitos das enchentes, os valores arrecadados em maio e junho sofreram quedas importantes. Sempre na comparação com os mesmos meses do ano anterior, o valor de maio caiu 15,6%, e o de junho, 6,5%.

O cenário, que antes era otimista, agora está cercado de incertezas. Os impactos das enchentes sobre a atividade produtiva de maio e junho foram consideráveis. A recuperação da economia gaúcha durante os próximos meses será condicionada pelo balanço entre os efeitos negativos do excesso de chuvas, de um lado, e a resiliência da economia e as medidas de enfrentamento, de outro. A agropecuária ainda deverá apresentar uma taxa expressiva de crescimento no ano, pois boa parte dos grãos de verão já havia sido colhida antes do início das chuvas. A indústria, a mais atingida, em maio, em termos de perda de produção, mostra sinais de retomada em junho e julho, o mesmo acontecendo com o comércio e os serviços. Por outro lado, persistirão problemas importantes, como o fechamento do Aeroporto Salgado Filho, as perdas de ativos produtivos das empresas e as questões logísticas, por exemplo. Ao mesmo tempo, as medidas públicas de apoio às populações e empresas atingidas, bem como os investimentos na reconstrução da infraestrutura, deverão ter um impacto positivo sobre o fluxo de produção.

## 1 CENÁRIO EXTERNO

Após desacelerações, na margem<sup>1</sup>, do ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nas principais economias mundiais no último trimestre de 2023, houve desempenhos heterogêneos dessas economias nos três primeiros meses de 2024, com continuidade da desaceleração nos Estados Unidos e expansão na China e na Área do Euro (**Gráfico 1.1**).

**Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 2.º trim./2023-1.º trim./2024**



Fonte: OECD (2024b).

Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

O crescimento do produto dos Estados Unidos seguiu o seu ritmo de desaceleração iniciado no 3.º trim./2023, registrando uma taxa de 0,4% no 1.º trim./2024. O resultado foi influenciado pela desaceleração do consumo final das famílias, das exportações e do consumo do Governo, enquanto os investimentos e as importações aceleraram.

O PIB da Área do Euro voltou a crescer (0,3%) no 1.º trim./2024, após uma retração no trimestre anterior. Contribuíram para o resultado as exportações líquidas (0,9 p.p.) e o consumo das famílias (0,1 p.p.), enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e a variação de estoques contribuíram negativamente (-0,3 p.p. cada); já o consumo do Governo registrou contribuição nula. Em relação às principais economias da região, a Alemanha voltou a registrar expansão (0,2%), após a retração verificada no trimestre anterior (-0,5%). Itália e Espanha apresentaram aceleração do crescimento (de 0,1% para 0,3% e de 0,7% para 0,8% respectivamente), enquanto a França desacelerou (de 0,3% para 0,2%).

A China também viu sua economia acelerar no trimestre, registrando um crescimento de 1,6% após um

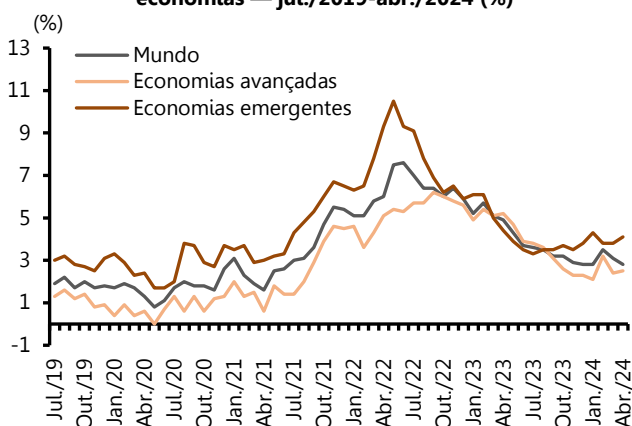
<sup>1</sup> Taxas de crescimento ao longo do texto, quando não especificadas, referem-se ao período imediatamente anterior.

aumento de 1,2% no 4.º trim./2023. O referido crescimento foi sustentado pelas expansões, no lado das despesas, das exportações líquidas, e, no lado da oferta, do setor industrial e, sobretudo, do setor de serviços.

Já a Argentina, importante parceiro comercial do Brasil e do Rio Grande do Sul, entrou em recessão técnica, registrando uma redução de 2,6% no 1.º trim./2024 (após uma contração de 2,5% no último trimestre de 2023). A maior queda foi verificada nos investimentos (-12,6%), embora todos os demais componentes da despesa (consumo do Governo e das famílias e exportações líquidas) também retraíram.

O processo desinflacionário mundial, verificado, de maneira intensa, a partir de meados de 2022, em virtude, sobretudo, de movimentos globais sincronizados de política monetária restritiva, de redução das pressões nas cadeias de abastecimento e de redução dos preços de *commodities*, agora se mostra em um ritmo muito mais lento (**Gráfico 1.2**). As alterações recentes refletem alguns fatores, entre os quais: recuperação parcial dos preços de energia (e demais *commodities*), núcleo da inflação persistentemente elevado impulsionado pelos preços de serviços, tanto nas economias avançadas quanto nas economias emergentes, e mercados de trabalho ainda aquecidos, especialmente nos Estados Unidos. O cenário de pressões inflacionárias ainda persistentes nas principais economias mundiais sugere uma demora maior do que o esperado anteriormente em movimentos menos restritivos da política monetária.

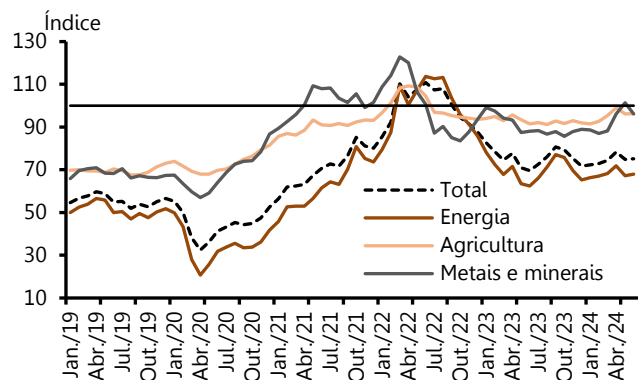
**Gráfico 1.2 - Variação de três meses anualizada da mediana do núcleo da inflação ao consumidor no mundo e em grupos de economias — jul./2019-abr./2024 (%)**



Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2024a).  
Nota: A amostra inclui 32 economias avançadas e 46 economias emergentes.

Em relação às *commodities*, os preços vêm oscilando ao longo de 2024, com uma leve tendência de alta (**Gráfico 1.3**), por conta de condições de oferta menos restritivas e de sinais de produção industrial mais forte. Desde dezembro de 2023, o índice agregado nominal das matérias-primas aumentou 4,6% até junho de 2024, chegando a atingir 9,1% na comparação com abril de 2024. Enquanto, na comparação com abril, o preço de energia cresceu mais (10,0%), na comparação com junho o aumento mais expressivo foi dos metais e minerais (8,0%). Já na comparação entre os dois primeiros trimestres de 2024, a alta no índice agregado foi de 3,9%, de 11,3% nos metais e minerais, de 4,3% nos preços agrícolas e de 2,7% na energia.

**Gráfico 1.3 - Índice de preço de grupos de commodities — jan./2019-jun./2024**

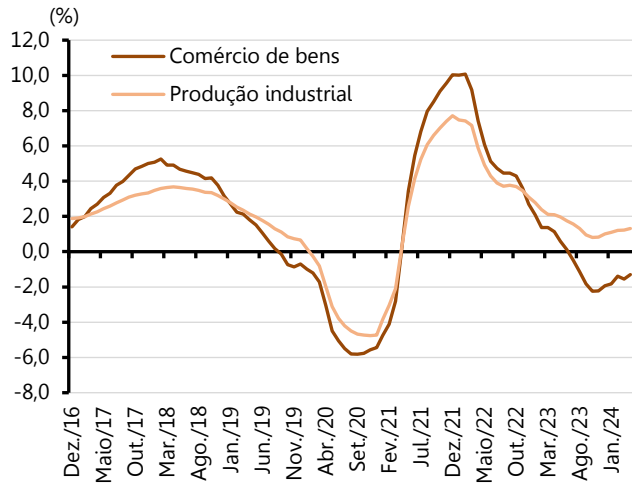


Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2024b).  
Nota: Os índices (US\$ nominal) têm como base o ano de 2022.

O comércio mundial de bens e serviços mostra sinais de recuperação em 2024, após o desempenho de 2023 ter sido o mais fraco — excluídas as recessões globais — dos últimos 50 anos, especialmente pelo desempenho do comércio de bens, cujo volume, que fechou 2023 com uma retração de 1,9%, começa a se recuperar (**Gráfico 1.4**), apoiado por uma retomada da demanda mundial de bens pelas principais economias globais. Todavia tal recuperação ainda se mostra frágil e inserida em um cenário de proliferação de medidas restritivas ao comércio, de elevada incerteza sobre as políticas comerciais e de crescimento moderado dos investimentos e da produção industrial. O comércio de serviços também apresenta dados recentes positivos.



**Gráfico 1.4 - Crescimento acumulado em 12 meses dos volumes do comércio de bens e da produção industrial mundiais — dez./2016-abr./2024**

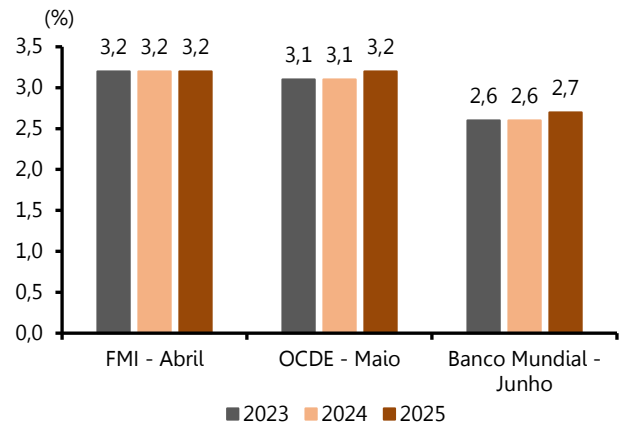


Fonte: Netherlands (2024).

Nota: Os índices têm como base o ano de 2010. Produção industrial exclui a construção.

As perspectivas para o crescimento do PIB global para 2024 são de estabilidade (**Gráfico 1.5**), o que encerraria um período de três anos consecutivos de desaceleração mundial. Para 2025, a expectativa, em geral, é de ligeira melhora. Segundo organismos internacionais, como o Banco Mundial (World Bank, 2024a), o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2024) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2024a), são esperadas, ao longo do ano, a continuidade do processo de desinflação, especialmente nas economias avançadas, a recuperação, ainda que modesta, do comércio mundial, sobretudo das economias emergentes, e uma ligeira redução nos preços das *commodities*. Alguns fatores também podem impulsionar a economia para um cenário mais positivo, como um crescimento mais forte dos Estados Unidos, questões de oferta que permitiriam uma flexibilização mais rápida da política monetária, bem como o impulso fiscal de curto prazo no contexto de eleições em algumas economias.

**Gráfico 1.5 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) projetado pelo FMI, OCDE e Banco Mundial — 2023-25**



Fonte: Fundo Monetário Internacional (IMF, 2024).  
OECD (2024a).  
World Bank (2024a).

Notas: Os meses referem-se à data de publicação das projeções. Diferentes metodologias para o cálculo do PIB mundial.

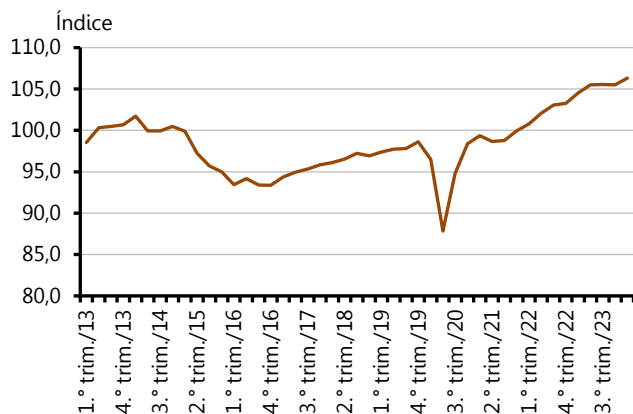
Embora os riscos para a economia mundial tenham-se reduzido desde as últimas projeções dos organismos internacionais, o cenário de incerteza persiste nos próximos meses, podendo resultar em uma atividade econômica global mais modesta. Fatores como inflação persistente e *stress* financeiro, novos aumentos nos preços de *commodities*, devido aos conflitos regionais e geopolíticos mais amplos, crescimento abaixo do esperado da China, maior fragmentação comercial e incerteza nas políticas comerciais, taxas de juros elevadas por período prolongado, ajuste fiscal disruptivo e sobre-endividamento em economias emergentes, e a possibilidade de desastres naturais mais frequentes e extremos contribuem para esse cenário.

## 2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

### 2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Após fechar o ano de 2023 com crescimento de 2,9%, porém com os dois últimos trimestres registrando relativa estabilidade na margem (variações de 0,1% e -0,1% em relação aos trimestres imediatamente anteriores, livres de efeitos sazonais, respectivamente), o PIB do Brasil voltou a crescer no 1.º trim./2024, impulsionado pelos desempenhos positivos da agropecuária e dos serviços. Com tal resultado, o índice de volume do PIB renovou seu pico histórico, encontrando-se, no 1.º trim./2024, 4,5% acima do pico anterior à crise de 2014-16, registrado no 1.º trim./2014, e 7,8% superior ao patamar observado no 4.º trim./2019, trimestre imediatamente anterior ao início dos efeitos da pandemia na economia brasileira (**Gráfico 2.1**).

**Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-1.º trim./2024**



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024g).  
Nota: Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

No 1.º trim./2024, na comparação com o último trimestre de 2023, na série ajustada sem efeitos sazonais, o PIB brasileiro cresceu 0,8%, influenciado, pelo lado da oferta, pelos aumentos dos Valores Adicionados da agropecuária (11,3%) e dos serviços (1,4%). Na contramão, a indústria registrou pequena queda de 0,1% (**Tabela 2.1**). Na indústria, o único destaque positivo foi o crescimento de 0,7% na indústria de transformação, com as demais atividades industriais apresentando quedas nessa base de comparação. Nos serviços, houve avanço em seis das sete atividades, com destaque para as expansões verificadas no comércio (3,0%), nos serviços de informação e comunicação (2,1%), e nas outras atividades (1,6%). Pelo lado da demanda, os destaques positivos ficaram por conta dos

aumentos da Formação Bruta de Capital Fixo (4,1%) e do consumo das famílias (1,5%). No primeiro caso, os mais importantes estímulos vieram da demanda interna aquecida e da diminuição do aperto monetário. Já o aumento dos gastos das famílias pode ser relacionado com os ganhos reais ligados ao desempenho positivo do mercado de trabalho, às transferências de renda e aos preços bem-comportados, notadamente dos alimentos, o que possibilita que uma parcela maior da renda possa ser disponibilizada para os gastos com os demais itens de consumo. A maior demanda interna (consumo e investimento) resultou no aumento das importações, que cresceram 6,5% no período.

**Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB), pelas óticas da oferta e da demanda, do Brasil — períodos selecionados**

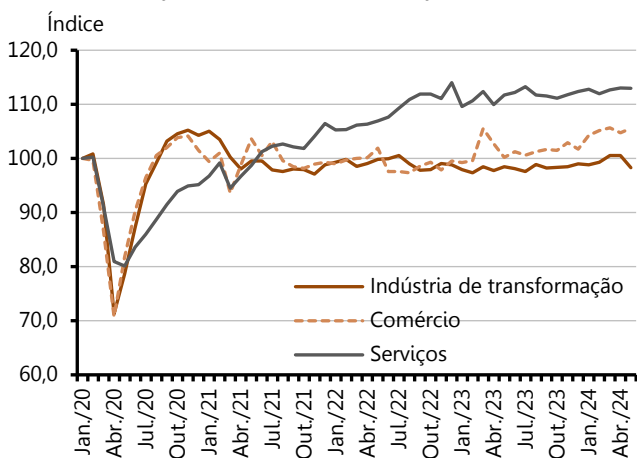
ATIVIDADES	1.º TRIM/2024 4.º TRIM/2023 <sup>(1)</sup>	1.º TRIM/2024 1.º TRIM/2023
<b>PIB</b> .....	0,8	2,5
<b>Ótica da oferta</b>		
Impostos .....	-	3,4
VAB .....	0,7	2,3
Agropecuária .....	11,3	-3,0
Indústria .....	-0,1	2,8
Serviços .....	1,4	3,0
<b>Ótica da demanda</b>		
Consumo das famílias .....	1,5	4,4
Consumo do Governo .....	0,0	2,6
Formação Bruta de Capital Fixo	4,1	2,7
Exportações .....	0,2	6,5
Importações .....	6,5	10,2

Fonte: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024g).

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a expansão foi de 2,5%, traduzindo, pelo lado da produção, os desempenhos positivos da indústria (2,8%) e dos serviços (3,0%); a agropecuária apresentou retração de 3,0%. Na indústria, houve altas nas quatro atividades, destacando-se o avanço de 1,5% na indústria de transformação, a primeira alta após quatro quedas sucessivas nessa base de comparação. Nos serviços, também ocorreram expansões em todas as atividades, as principais sendo nas outras atividades de serviço (4,7%), nos serviços de informação e comunicação (4,6%), nas atividades imobiliárias (3,9%) e no comércio (3,0%). Pela ótica da demanda, houve aumentos importantes nos componentes da demanda interna: 4,4% no consumo das famílias, 2,7% na FBCF e 2,6% no consumo do Governo. Parte desse impulso interno redundou no aumento de importações (10,2%), que cresceram acima das exportações (6,5%).

Na análise dos dados conjunturais mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nota-se que as três atividades produtivas pesquisadas apresentavam movimentos de expansão nos primeiros meses de 2024: o comércio de forma mais intensa, e os serviços e a indústria de transformação numa tendência mais moderada, porém ainda de expansão (**Gráfico 2.2**). Os dados do mês de maio não alteraram as trajetórias das duas primeiras atividades, ao contrário da produção industrial, que caiu 2,2% em relação a abril.

**Gráfico 2.2 - Produção da indústria de transformação, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços, com ajuste sazonal, no Brasil — jan./2020-maio/2024**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2024c).  
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2024d).  
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2024e).  
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

De janeiro a abril, o volume de produção da indústria de transformação havia crescido 1,3% em relação aos quatro meses imediatamente anteriores, na série com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo período de 2023, a expansão foi de 3,6%, resultado em conformidade com o crescimento da demanda interna, via consumo e investimento. Em maio, o quadro alterou-se, principalmente a partir dos impactos das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul sobre a produção industrial local, e desta, direta e indiretamente, sobre a produção nacional. Mesmo com a queda na margem, a indústria brasileira ainda acumulou crescimento de 0,9% de janeiro a maio, sobre os cinco últimos meses de 2023, e de 2,6% na comparação interanual (janeiro a maio de 2024 contra o mesmo período de 2023).

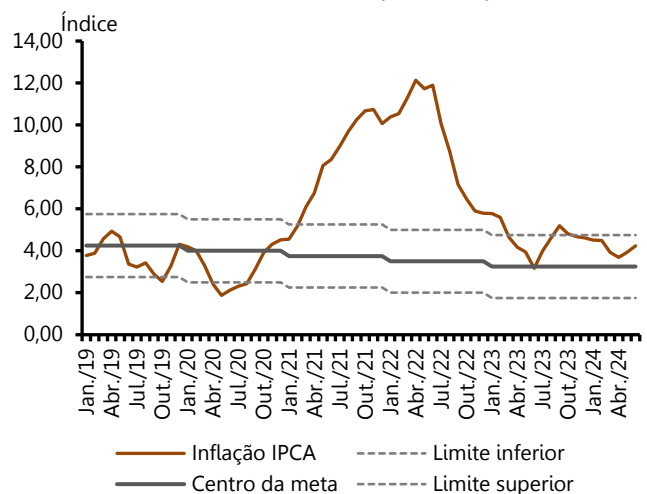
Também de janeiro a maio, o comércio varejista ampliado do Brasil registrou expansão de 3,2% na comparação com os cinco meses imediatamente anteriores. Na relação com o mesmo período de 2023, o aumento foi de 4,8%. Nos serviços, os aumentos foram

menos expressivos: 0,9% na primeira base de comparação e 2,0% na comparação interanual. Em maio, essas duas atividades não sofreram grandes impactos das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo que continuaram a ser estimuladas pelo bom desempenho do mercado de trabalho e pelas transferências de renda.

## 2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

Após um período de sete meses (de outubro de 2023 a abril de 2024), em que a inflação acumulada em 12 meses, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), esteve em desaceleração, os dados de maio e junho fizeram essa tendência inverter-se, com a inflação em 12 meses voltando a crescer, atingindo 4,23% no período anual encerrado em junho (**Gráfico 2.3**). Especialmente em maio, o maior impacto veio da alta dos alimentos no domicílio, cujo crescimento de 0,66% no mês foi bastante impactado pela alta desses preços no Rio Grande do Sul, a partir dos efeitos das enchentes. De modo geral, a tendência é que a pressão dos preços dos alimentos tende a ser compensada pela desaceleração dos preços administrados e dos serviços livres.

**Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2019-jun./2024**



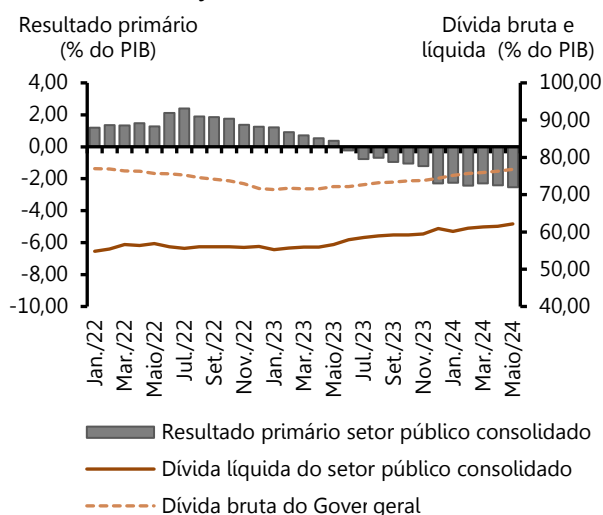
Fonte dos dados brutos: IBGE (2024b).  
Banco Central do Brasil (2024b).

Em um cenário recente mais favorável para o processo de desinflação, o Comitê de Política Econômica (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB) fez, a partir de agosto de 2023, seis cortes sucessivos de 0,50 ponto percentual (p.p.) cada. Entretanto, na penúltima reunião do Copom, optou-se por uma redução de 0,25

ponto percentual, movimento que já refletia o aumento das incertezas em relação à inflação futura. O movimento de redução dos juros foi encerrado, pelo menos por hora, na reunião de 18 e 19 de junho, quando o Comitê manteve a taxa Selic em 10,50% ao ano. Na ata da reunião, disponibilizada pelo BCB uma semana depois, foram elencadas as razões para a não alteração da taxa Selic, entre as quais: um cenário externo adverso, notadamente em função da incerteza quanto ao ciclo de queda dos juros nos Estados Unidos; um cenário doméstico em que o Copom entende que os indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho têm apresentado maior dinamismo que o esperado; e, finalmente, a incerteza quanto à condução da política fiscal.

Nesse campo, as contas do setor público consolidado encerraram os 12 meses até maio de 2024 com déficit primário de 2,53% do PIB, dentro de um movimento recente de piora contínua desse resultado (**Gráfico 2.4**). Com isso, a dívida líquida do setor público consolidado alcançou, também em maio, 62,16% do PIB, aumento de 5,50 p.p. em relação a maio de 2023. A tendência de alta também foi verificada na dívida bruta, que chegou a 76,81% do PIB em maio, incremento de 4,61 p.p. em relação ao mesmo mês do ano anterior.

**Gráfico 2.4 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2019-maio/2024**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2024b).

## 2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO

Nesse cenário, as principais projeções indicam uma queda da inflação anualizada até dezembro. Segundo o Relatório Focus do Banco Central de 12 de julho de 2024, a previsão dos agentes econômicos consultados é de crescimento de 4,0% em 2024, abaixo, portanto, na taxa anualizada de junho. A previsão é idêntica à projetada pelo Boletim de Conjuntura do 2.º trim./2024 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

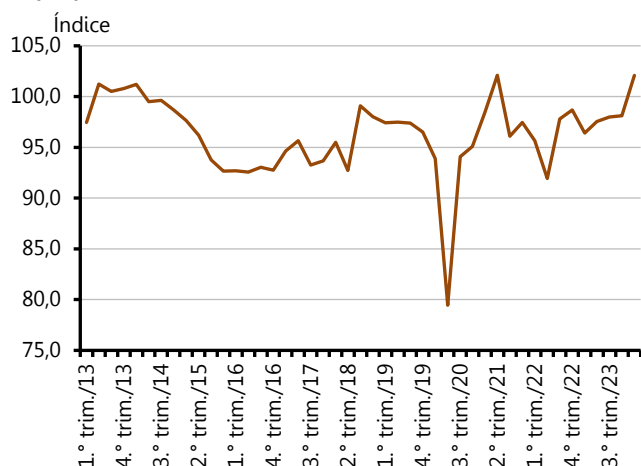
O IPEA projeta expansão do PIB de 2,2% em 2024, impulsionado pela demanda interna. Entre os principais riscos apontados, estão a interrupção do ciclo de redução da taxa Selic e os impactos das enchentes do Rio Grande do Sul na atividade econômica. Já o Relatório Focus prevê crescimento do PIB nacional de 2,1% em 2024. Os impactos das enchentes no Rio Grande do Sul não alteraram significativamente as projeções do mercado para o desempenho do PIB brasileiro, possivelmente porque se espera um aumento superior na demanda interna nacional que compense as perdas, ou porque se projeta que o fluxo de produção do Estado no ano fechado não seja tão afetado pela catástrofe climática.

## 3 CENÁRIO INTERNO — RS

### 3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O PIB do Rio Grande do Sul apresentou crescimento de 4,1% na passagem do último trimestre de 2023 para o primeiro de 2024, na série com ajuste sazonal. O grande destaque foi a expansão da agropecuária, que cresceu 59,1%. Esse impulso vindo da maior produção agrícola fez com que o nível do volume do PIB gaúcho atingisse novamente seu pico histórico, igualando o observado no 2.º trim./2021 (**Gráfico 3.1**). Em relação ao período anterior ao início da pandemia, no 4.º trim./2019, o nível registrado no 1.º trim./2024 encontrava-se 5,8% acima.

**Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2013-1.º trim./2024**



Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024c).  
Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024g).  
Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

Ainda na comparação com o trimestre imediatamente anterior, o crescimento da agropecuária no 1.º trim./2024 foi consequência de uma safra de verão cheia, em cima de uma queda de produção de trigo, principal grão colhido no 4.º trim./2023. Também apresentaram expansão a indústria (0,5%) e os serviços (1,2%) (**Tabela 3.1**). No Setor Secundário, houve aumento das quatro atividades, algo que não acontecia desde o 1.º trim./2021. Nos serviços, houve destaque para o avanço do comércio (3,5%), transportes, armazenagem e correio (1,5%) e serviços de informação e comunicação (1,3%). A única atividade a registrar queda nessa base de comparação foi a de intermediação financeira e seguros (-1,7%).

**Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — períodos selecionados**

ATIVIDADES	1º TRIM/2024 4º TRIM/2023 <sup>(1)</sup>	1º TRIM/2024 1º TRIM/2023
<b>PIB</b> .....	4,1	6,4
Impostos .....	-	4,1
<b>VAB</b> .....	4,3	6,7
Agropecuária .....	59,1	43,5
Indústria .....	0,5	2,6
Serviços .....	1,2	3,2

Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024c).  
(1) Com ajuste sazonal.

Já em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou avanço de 6,4% no 1.º trim./2024. Nessa base de comparação, o destaque foi igualmente a agropecuária (43,5%), seguida dos crescimentos dos serviços (3,2%) e da indústria (2,6%). No primeiro caso, pesaram fortemente os aumentos das produções de arroz, milho e, principalmente, soja. O crescimento da indústria veio após cinco trimestres seguidos de retração, como consequência da elevação de 40,7% na atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza. As chuvas dentro da normalidade nesse começo de ano, comparadas com a estiagem do começo de 2023, fizeram com que a geração de energia do tipo hidrelétrica crescesse de forma bastante expressiva, impactando toda a atividade. Por outro lado, a indústria de transformação ainda apresentou recuo no primeiro trimestre, embora tenha sido uma queda bem menor que as observadas nos últimos cinco trimestres, indicando, portanto, na ausência de choques adversos, um início de possível recuperação da atividade. O crescimento de 3,2% dos serviços do Estado, no primeiro trimestre do ano, acompanhou muito de perto o desempenho nacional. Das sete atividades, ocorreu expansão em seis, com destaque para os serviços de informação e comunicação (5,1%), outros serviços (5,1%) e comércio (4,7%). De igual modo que na comparação anterior, a única queda foi registrada nos serviços de intermediação financeira e seguros (-1,0%).

Do Boletim de Conjuntura do RS de abril de 2024, na abertura da seção de perspectivas, destaca-se: "A projeção para o desempenho da economia gaúcha em 2024 é positiva". Esse cenário baseava-se na recuperação da produção agrícola, na retomada, mesmo que ainda de forma tímida, da indústria e na sequência dos bons desempenhos dos serviços. O quadro descrito acima teria sido corroborado pelos dados do PIB Trimestral do primeiro trimestre do ano, mas as enchentes que iniciaram no final de abril e seguiram pelo mês de



maio tiveram forte impacto sobre a economia do Estado, alterando o cenário desenhado anteriormente.

Conforme já mencionado, a safra de verão de 2024 apresentou crescimento expressivo, impactando fortemente o desempenho do PIB estadual do primeiro trimestre do ano. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) (2024), havia a expectativa, em abril, de que as produções de arroz, milho e soja crescessem 7,8%, 37,5% e 68,1% em relação à safra do ano anterior, respectivamente (**Tabela 3.2**). Esse quadro foi alterado pelas enchentes ocorridas no Estado em maio. Mesmo que a maior parte das lavouras de verão já tivesse sido colhida antes das enchentes — segundo a Emater-RS, em seu Boletim Conjuntural de 25 de abril de 2024, em torno de 70% do arroz, 82% do milho e 66% da soja —, o excesso de chuvas impactou severamente as lavouras remanescentes, com efeitos negativos sobre a produtividade e a produção. As estimativas de julho da Conab retratam o impacto: redução de 316 mil toneladas de arroz, de 281 mil toneladas de milho, e de 2,236 milhões de toneladas de soja em relação às estimativas de abril. Vale notar, entretanto, que as taxas de crescimento da produção de grãos de verão continuam bem relevantes, notadamente as de milho e soja.

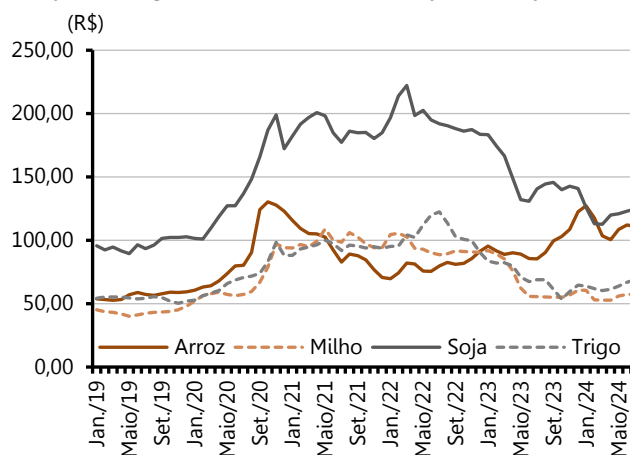
**Tabela 3.2 - Quantidades produzidas e variações dos principais grãos de verão do Rio Grande do Sul — 2023-24**

PRO-DU-TOS	2023	2024 (1)		VARIACÃO %	
		Estimativa de Abril	Estimativa de Julho	2024 2023 (abril)	2024 2023 (julho)
Arroz .....	6.934,4	7.475,9	7.159,8	7,8	3,3
Milho .....	3.731,8	5.131,4	4.850,3	37,5	30,0
Soja .....	13.018,4	21.887,8	19.652,0	68,1	51,0

Fonte: Conab (2024).  
(1) Previsão.

De outro lado, os preços dos principais grãos produzidos no Estado apresentaram reduções nos primeiros sete meses do ano, na comparação com igual período de 2023, com a exceção do arroz, que valorizou ao longo de 2024 (**Gráfico 3.2**). Enquanto o preço do arroz cresceu 24,6% no período, os do milho, da soja e do trigo diminuíram 24,4%, 22,0% e 16,5% respectivamente. A partir de maio, resultado do avanço dos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional e do aumento do dólar em relação ao real, houve uma tendência de leve alta nos preços dos quatro grãos, mas nada que compensasse os recuos verificados já a partir de meados de 2022.

**Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, do milho, da soja e do trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-jul./2024**



Fonte: Emater-RS (2024).

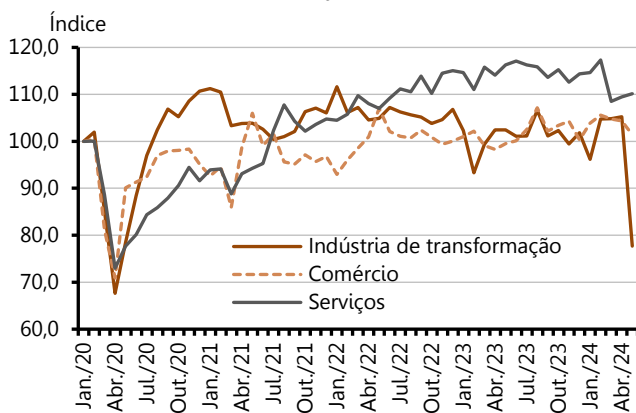
Nota: Valores constantes a preços de jun./2024, corrigidos pelo IPCA.

Em meados de julho, o IBGE divulgou os dados das pesquisas conjunturais referentes ao mês de maio, em que são apresentados os desempenhos da indústria de transformação, do comércio e dos serviços. As informações refletem os impactos das enchentes sobre essas atividades produtivas, embora em intensidades variadas.

De janeiro a abril de 2024, a produção industrial do Rio Grande do Sul havia crescido 5,2% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Esse movimento de retomada, após um 2023 bastante difícil para a atividade, foi bruscamente interrompido em maio (**Gráfico 3.3**). Os impactos que as enchentes tiveram sobre a produção industrial foram vários: enxurradas e inundações atingindo fábricas, galpões e escritórios; destruição de pontes e estradas, que afetou a logística; trabalhadores que tiveram suas residências atingidas e que precisaram faltar ao serviço, entre outros. Em maio, segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE, a produção da indústria de transformação recuou 26,2% em relação a abril, na série com ajuste sazonal. Nessa base de comparação, foi a maior queda já registrada na série da PIM do Rio Grande do Sul, que teve início em janeiro de 2002. A maior até então havia sido a de abril de 2020 (-20,5%), em meio ao início dos efeitos da pandemia de COVID sobre a economia gaúcha. Em relação ao mesmo mês de 2023, a retração foi de 22,7%. Nessa base de comparação, é possível desagregar a produção industrial entre suas 14 atividades pesquisadas. Apenas duas delas apresentaram crescimento, a de fabricação de móveis (9,7%) e a de fabricação de papel e celulose (28,4%). Todas as demais exibiram taxas negativas expressivas, notadamente as de fabricação de produtos químicos (-52,8%), de metalurgia (-48,0%), de bebidas

(-38,3%), de máquinas e equipamentos (-37,9%), de produtos do fumo (-34,6%), de minerais não metálicos (-28,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (-26,9%) e de produtos de metal (-25,3%). É claro que essas quedas não podem ser atribuídas exclusivamente aos efeitos das enchentes<sup>2</sup>, mas a magnitude das retrações em meio a um quadro de retomada da produção industrial do Estado permite afirmar que as enchentes tiveram um papel preponderante nessa queda histórica da indústria de transformação gaúcha.

**Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-maio/2024**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2024c).  
Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2024d).  
Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2024e).  
Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

O comércio varejista ampliado do Estado também vinha apresentando um bom desempenho nos primeiros meses de 2024. Em maio, contudo, o movimento do comércio também foi afetado pelas enchentes, embora, na comparação com a indústria, de maneira menos intensa. Em relação a abril, na série com ajuste sazonal, o volume de vendas do comércio varejista ampliado apresentou recuo de 2,8%, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. Já em relação ao mesmo mês de 2023, houve um pequeno crescimento de 0,4%. Na análise desagregada desse desempenho, pode-se entender melhor as razões de porque o comércio não foi tão impactado quanto a indústria. Se, por um lado, atividades de vendas de veículos, motocicletas, partes e peças (-34,2%), de combustíveis e lubrificantes (-5,2%), de material de construção

(-4,9%) e de outros artigos de uso pessoal e doméstico (-4,5%) apresentaram quedas relevantes, por outro, o crescimento das vendas de outros setores conseguiu compensar essas quedas. As vendas de hipermercados e supermercados cresceram 20,3% em maio, possivelmente em razão da demanda por alimentos e bebidas para estocar, uma preocupação relevante por parte das famílias, principalmente nos primeiros dias de enchente, e por bens destinados para doação às famílias atingidas. O comércio de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos também expandiu as vendas, em função da necessidade desses bens em um momento em que várias pessoas ficaram feridas e outras apreensivas com o desastre climático. Nos dois casos, são vendas de bens de primeira necessidade. Outro grupo de atividades comerciais também elevou suas vendas após as enchentes, nesse caso para atender à demanda por reposição de bens perdidos com as inundações e enxurradas. Foram os casos das atividades de móveis (19,2%), eletrodomésticos (10,5%) e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (10,2%).

Na comparação de maio com abril, os serviços foram a única atividade a apresentar crescimento (0,6%), mesmo que pouco expressivo. Por outro lado, em relação a maio de 2023, o setor teve queda de 5,4%. Nas atividades desagregadas, pode-se notar que os desempenhos foram bastante distintos. Segundo dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE, houve expansão em apenas uma das cinco atividades na comparação com maio de 2023, a de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (2,0%). Por outro lado, houve recuos nos serviços de informação e comunicação (-5,1%) e em outros serviços (-7,0%). As maiores reduções ocorreram nos serviços profissionais, administrativos e complementares (-13,1%) e, principalmente, nos serviços prestados às famílias (-28,3%). A PMS também apresenta dados das atividades turísticas, um agregado de vários serviços ligados ao turismo. Em maio de 2024, o volume dessa atividade caiu 39,4% em relação ao mesmo mês de 2023, movimento influenciado pelas retrações observadas, principalmente, nos serviços de alojamento e alimentação, bastante impactados pelos problemas logísticos acarretados pelo fe-

<sup>2</sup> Por exemplo, o setor de máquinas e equipamentos, principalmente de máquinas para a agricultura, já vinha apresentando redução nas vendas, em função da retração dos preços das *commodities* agrícolas, ao mesmo tempo que a produção de veículos também vem

sendo afetada negativamente pela redução das vendas para a Argentina.

chamento do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, principal porta de chegada para os turistas que visitam as regiões da Serra e das Hortênsias.

### 3.2 SETOR EXTERNO

De janeiro a junho de 2024, o valor das exportações do Rio Grande do Sul alcançou US\$ 9,112 bilhões, uma queda de 11,2% na comparação com o mesmo período de 2023. Houve recuo tanto dos produtos agropecuários quanto dos bens industriais. Neste último agregado, destacaram-se negativamente as diminuições de valores ocorridas das atividades de máquinas e equipamentos (-29,0%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (-24,4%) e de produtos alimentícios (-20,1%). Em sentido inverso, o valor das vendas de derivados de petróleo aumentou 43,4% no período (**Tabela 3.3**).

**Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — 2023-24**

ATIVIDADES	JAN-JUN/2024		MAIO-JUN/2024	
	Valor (US\$ milhão)	Δ%	Valor (US\$ milhão)	Δ%
Produtos alimentícios .....	2.326,2	-20,1	784,4	-26,6
Produtos agropecuários ...	1.765,9	-12,4	868,4	11,8
Produtos do fumo .....	1.100,8	6,0	398,5	15,1
Produtos químicos .....	641,9	-1,0	183,0	-11,1
Celulose e papel .....	540,5	-3,7	189,6	28,9
Couros e calçados .....	461,4	-3,0	143,6	-4,1
Máquinas e equipamentos	443,9	-29,0	118,8	-39,3
Veículos automotores, carrocerias e reboques .....	416,8	-24,4	133,1	-31,3
Produtos de metal .....	331,6	-2,2	114,1	-6,5
Derivados de petróleo .....	180,6	43,4	58,3	58,9
Outros produtos .....	902,5	-6,8	274,8	-17,5
<b>VALOR TOTAL .....</b>	<b>9.112,3</b>	<b>-11,2</b>	<b>3.266,4</b>	<b>-8,7</b>

Fonte: ComexStat (Brasil, 2024a).

China, União Europeia e Estados Unidos foram os principais destinos das vendas externas do Estado no primeiro semestre de 2024. O valor das vendas para a Argentina, quarto principal comprador dos produtos do Estado, recuou 25,8%, afetando sobremaneira as exportações gaúchas de bens industriais.

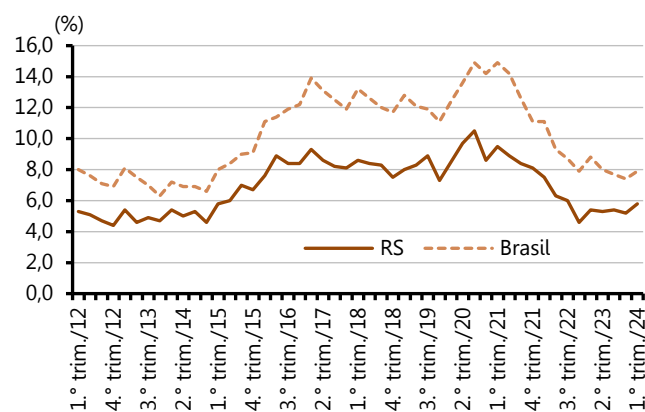
Especificamente em maio e junho, meses afetados pelas enchentes, o valor exportado caiu 8,7%, taxa inferior à do período de janeiro a junho. Para tal desempenho, pesaram os produtos agropecuários, com destaque para a soja, que expandiram 11,8%, resultado da maior safra colhida em 2024. Por outro lado, os desem-

penhos das atividades industriais de máquinas e equipamentos (-39,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (-31,3%) e de produtos alimentícios (-26,6%) foram piores nos dois últimos meses, provavelmente em função dos impactos das enchentes sobre a produção industrial do Estado nesse período.

### 3.3 MERCADO DE TRABALHO

De modo geral, os principais indicadores do mercado de trabalho do RS do 1.º trim./2024 apresentaram estabilidade. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número total de ocupados no Rio Grande do Sul foi de 5 milhões e 897 mil pessoas nos primeiros três meses do ano, montante considerado estável tanto em relação ao trimestre imediatamente anterior quanto na comparação com o mesmo trimestre de 2023. O rendimento médio real mensal habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas e a massa real de rendimentos do 1.º trim./2024 também apresentaram estabilidade nas comparações trimestral e interanual. A taxa de desocupação do 1.º trim./2024 foi de 5,8%, 0,6 ponto percentual maior que a registrada no trimestre imediatamente anterior, mas estável na comparação com o mesmo trimestre de 2023 (**Gráfico 3.4**).

**Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-1.º trim./2024**



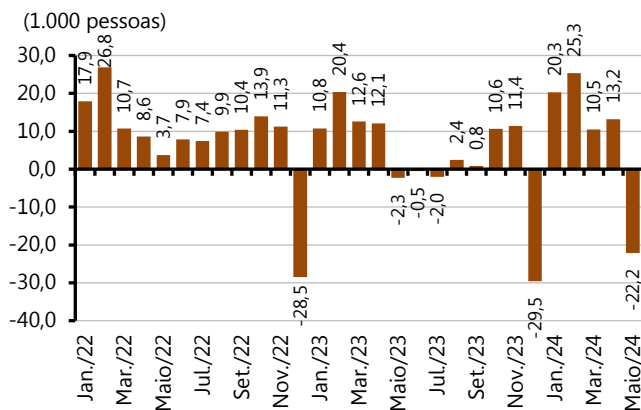
Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2024f).

Os dados da PNAD Contínua ainda não retratam os impactos das enchentes no mercado de trabalho do Estado. Já as informações de maio do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), que apresenta dados do mercado formal, refletiram os primeiros efeitos das enchentes sobre a produção e, por consequência, sobre os empregos. No quinto mês do ano, houve redução de 22.180 vagas no mercado formal do Estado (**Gráfico 3.5**). Ocorreram perdas de



vagas de trabalho nas cinco atividades agregadas: agropecuária (-4.318), indústria (-6.586), construção (-1.530), comércio (-5.520) e serviços (-4.226). No caso da agropecuária, a maior parte da diminuição das vagas deu-se em razão do encerramento das colheitas de arroz e de maçã, um movimento sazonal já conhecido no Estado. Nos demais casos, a principal causa para os números negativos foram as enchentes de maio.

**Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-maio/2024**



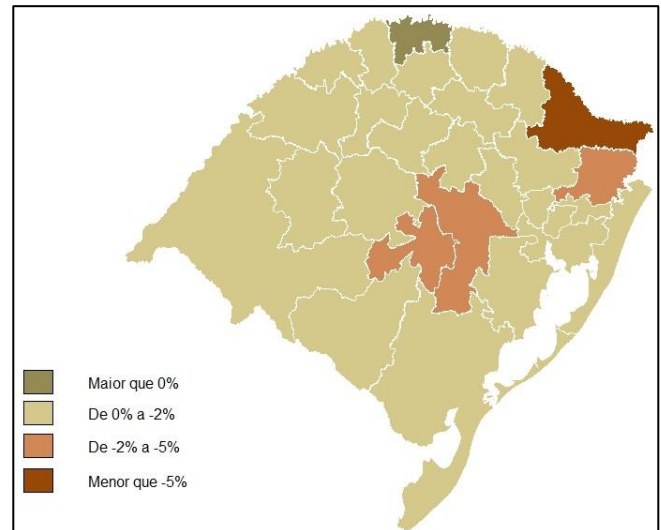
Fonte: Novo Caged (Brasil, 2024b).

Em relação ao estoque de empregos de abril de 2024, a redução de 22.180 vagas representou um recuo de 0,8%. Regionalmente, 27 das 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações negativas em maio (**Figura 3.1**). As maiores retrações ocorreram nos Coredes Campos de Cima da Serra (-6,4%), principalmente pelo fim da colheita da maçã, Hortênsias (-3,1%), Vale do Rio Pardo (-2,2%), Jacuí-Centro (-2,1%) e Vale do Taquari (-1,8%). O único Corede que apresentou aumento do emprego em maio foi o do Médio Alto Uruguai (0,2%). Em termos absolutos, as maiores quedas foram registradas nos Coredes Vale do Rio dos Sinos (-3.678), Metropolitano Delta do Jacuí (-3.343), Vale do Rio Pardo (-2.227) e Vale do Taquari (-2.012).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação negativa em 358. Nos 19 municípios com mais de 100 mil habitantes, houve queda em 17 deles, com destaque para os recuos verificados em Santa Cruz do Sul (-1,8%), resultado impactado também pelas demissões sazonais da indústria do fumo, Canoas (-1,4%) e São Leopoldo (-1,1%). Entre os 56 municípios com população entre 30 mil e 100 mil, merecem destaque os recuos do emprego em Gramado (-4,3%), Estrela (-3,2%) e Canela (-2,5%) — o primeiro e o terceiro caso, em função da redução da atividade turística, e o segundo,

em razão das inundações ocorridas no município, com impactos na produção.

**Figura 3.1 - Variação do saldo de maio de 2024 entre admitidos e desligados sobre o estoque de abril de 2024 no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul**



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2024b).

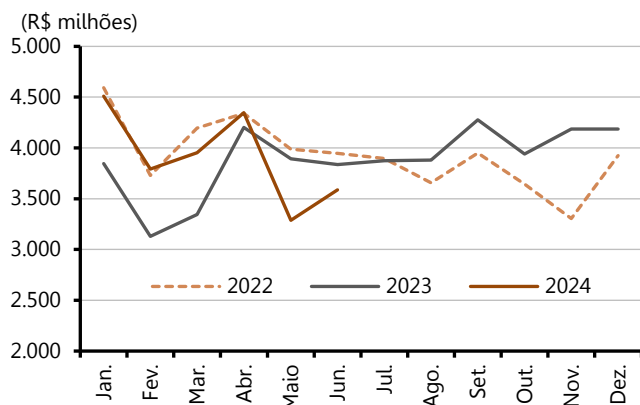
Em relação ao período de 12 meses até maio de 2024, o saldo entre admitidos e desligados no mercado formal de trabalho do Estado foi de 40.331 empregos (Gráfico 3.5). Esse saldo dividiu-se da seguinte forma entre as atividades econômicas: serviços (38.985), comércio (8.150), agropecuária (1.595), construção (374) e indústria (-8.773).

### 3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS

Entre janeiro e abril de 2024, o valor arrecadado com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul, a preços constantes de junho de 2024, alcançou R\$ 16,599 bilhões, um acréscimo de 14,3% em relação ao montante arrecadado no mesmo intervalo do ano anterior, refletindo, de certa maneira, o desempenho positivo da economia no período (**Gráfico 3.6**). Nos dois meses seguintes, a arrecadação sofreu quedas expressivas, em razão dos efeitos das enchentes sobre a produção localizada nas áreas atingidas e, também, em empresas afetadas indiretamente, seja por problemas logísticos, seja pela redução do fluxo de compra e venda de mercadorias. Em maio, foram arrecadados R\$ 3,288 bilhões, uma diminuição de 15,6% em relação a maio de 2023. Em junho, a redução foi de 6,5%, com o valor arrecadado com o imposto chegando a R\$ 3,588 bilhões. É importante notar que, segundo a Secretaria da Fazenda do Estado do

Rio Grande do Sul (Sefaz-RS), a arrecadação de junho inclui impostos com vencimento em maio, no total de R\$ 818 milhões, que foram pagos somente em junho, em função de problemas que parte das empresas tiveram com as inundações. Isso significa que o recuo da arrecadação de maio é explicado pelo atraso dos pagamentos e não pelos efeitos das enchentes na atividade econômica propriamente dita, até porque o ICMS arrecadado em maio teve como fato gerador a movimentação econômica de abril, mês anterior às enchentes. Por outro lado, ao se deduzir da arrecadação de junho os R\$ 818 milhões, fica mais explícito o impacto da catástrofe sobre o ICMS arrecadado nesse mês, que teve o fato gerador em maio, mês em que os impactos das enchentes sobre a atividade econômica foram bastante severos.

**Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2022-24**



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (Rio Grande do Sul, 2024b).  
Nota: Valores constantes a preços de jun./2024, corrigidos pelo IPCA.

### 3.5 BALANÇO E PERSPECTIVAS

As perspectivas para a economia gaúcha estão condicionadas, principalmente, pelas incertezas relacionadas à extensão e à intensidade dos efeitos das enchentes, por um lado, e aos impactos das várias medidas de auxílio e de reconstrução, por outro, além, é claro, da própria resiliência do tecido econômico do Estado. Por se tratar de um evento sem precedentes na economia brasileira, torna-se bastante desafiador traçar um cenário claro das perdas e da curva de recuperação. As enchentes impactaram praticamente todas as atividades produtivas do Estado, atingindo lavouras, instalações, fábricas, lojas, serviços variados, estradas, pontes, aeroportos, restaurantes e hotéis, em uma abrangência regional significativa. Os dados de maio da atividade produtiva, apresentados neste boletim, refletiram esses impactos de maneira clara.

Ao mesmo tempo, políticas públicas foram montadas para auxiliar a população atingida, reconstruir os ativos danificados e fortalecer as proteções contra eventos climáticos adversos. Medidas como antecipações de pagamentos, auxílios emergenciais, crédito subsidiado, reconstrução de estradas e pontes foram tomadas pelos Governos municipais, Estadual e Federal. Além das ações públicas, diversas iniciativas privadas vêm contribuindo para o esforço de reconstrução do Estado e de sua retomada econômica.

A agropecuária gaúcha sofreu significativamente com as enchentes, resultando na destruição de lavouras, instalações e camadas férteis do solo em várias regiões do Estado. Esses impactos atingiram a parte final das colheitas dos grãos de verão — arroz, milho e soja — e devem influenciar as lavouras de inverno, especialmente o trigo, devido ao excesso de umidade durante o plantio, à lavagem de áreas produtivas e à redução dos recursos disponíveis para a safra do segundo semestre.

Apesar desses problemas, a safra gaúcha de 2024 ainda será maior que a de 2023, devido a dois fatores principais: a baixa base de comparação de 2023, em razão da estiagem, e o fato de que a maior parte dos grãos de verão já havia sido colhida até o final de abril, antes do início das enchentes. Segundo a estimativa de julho da Conab, as produções de arroz, milho e soja devem crescer 3,3%, 30,0% e 51,0% respectivamente. Mesmo com a maioria dos preços dos grãos em níveis inferiores aos praticados um ano antes, a maior produção agrícola do Estado impactará não somente o Setor Primário, mas ajudará a injetar renda na economia, estimulando outras atividades.

A indústria de transformação apresentou, em um primeiro momento, a maior queda de produção devido aos impactos das enchentes. O forte recuo verificado em maio esteve relacionado com as inundações de fábricas e galpões, destruição de máquinas, equipamentos e demais ativos produtivos, além dos problemas logísticos causados pela destruição de estradas e pontes e pelo fechamento do terminal de cargas do Aeroporto Salgado Filho.

A reposição dos ativos e a reconstrução da infraestrutura estão em andamento, mas levará algum tempo até que esses processos sejam concluídos. No entanto, já é possível vislumbrar a retomada da produção industrial do Estado. A Sefaz-RS, em seu Boletim Econômico-Tributário, divulga a evolução mensal do volume das vendas da indústria do Rio Grande do Sul

a partir dos dados da Notas Fiscais Eletrônicas (NFe). É um indicador concomitante da produção industrial e, no mês de maio, apresentou variações próximas das divulgadas pela PIM-IBGE<sup>3</sup>. Segundo a Sefaz-RS, o volume de vendas de maio de 2024 recuou 20,4% em relação ao mesmo mês de 2023, enquanto o índice da PIM-IBGE apresentou queda de 22,7%. Para junho, o indicador da Secretaria da Fazenda ainda indicou uma retração de 5,2% em relação a junho de 2023, mas os dados da primeira quinzena de julho já apresentam crescimento nas vendas em relação ao mesmo período de 2023. A expansão geral de 6,0% teve como destaques os aumentos das atividades de madeira, cimento e vidro (33,3%), combustíveis (21,2%) e móveis (21,0%). Percebe-se, portanto, que o aumento da produção de bens de reposição, cuja alta já havia sido observada no comércio de maio, foi decisivo para a retomada das vendas da indústria em junho e julho. A expansão dessas atividades industriais ocorre na esteira do aumento da demanda a partir do esforço das famílias em recompor minimamente seus ativos domésticos, apoiadas por programas de transferência de renda, como o programa estadual Volta Por Cima e o Auxílio Reconstrução federal. Pelo lado da oferta, a produção também recebe estímulos, como, por exemplo, o oferecimento de crédito subsidiado e o diferimento de impostos.

O setor da construção provavelmente será um dos mais estimulados nos próximos meses. Todas as medidas associadas à reconstrução demandarão uma maior oferta da atividade de construção do Estado. Consertos e construções de novas moradias, de fábricas, comércios, ativos empresariais, obras de infraestrutura, e novas obras de proteção contra enchentes terão que ser realizadas durante os próximos meses e anos no Estado, muitas delas com investimentos públicos já anunciados ou por anunciar. Esse setor, intensivo em trabalho, terá impacto sobre o nível de emprego e renda, principalmente de trabalhadores menos qualificados.

O comércio parece ter iniciado uma retomada ainda durante o mês de maio, pois a queda verificada nesse mês não foi tão expressiva, comparada com a da indústria. As altas observadas nas vendas de artigos de reposição — eletrodomésticos e móveis, principalmente — já refletiram o início desse processo. Esse mo-

vimento continuou em junho, especialmente nas vendas de veículos. Segundo dados do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos do Rio Grande do Sul (Sincodiv-RS), os emplacamentos totais de veículos de maio de 2024 foram 64,8% menores que os de abril. Em junho, por outro lado, os emplacamentos cresceram 227,6% em relação a maio, fazendo com que os emplacamentos totais de junho (18.507) fossem maiores que os de abril (16.039). Esse aumento foi impulsionado pelos valores pagos pelas seguradoras aos proprietários de automóveis segurados. De modo geral, o comércio tem sido beneficiado por medidas públicas de apoio às famílias atingidas pelas inundações, com injeção de recursos na economia, contribuindo para o fortalecimento do consumo. Ao mesmo tempo, é provável que muitas pessoas ou famílias tenham iniciado a reconstrução de suas vidas a partir do uso de poupanças individuais ou coletivas.

A recuperação total dos serviços deverá ser mais lenta. Além de compartilhar problemas com o comércio, como a redução da renda do trabalho, devido ao provável aumento do desemprego e ao crescimento do endividamento das famílias, o setor de serviços enfrenta desafios específicos. Um deles é o fechamento do Aeroporto de Porto Alegre. As limitações para a entrada e a saída de pessoas do Rio Grande do Sul via transporte aéreo trazem uma série de inconvenientes à população e aos negócios em geral. O setor do turismo, especialmente nas regiões da Serra e das Hortênsias, que recebe muitos turistas de fora do Estado pelo Salgado Filho, foi particularmente afetado. Dados de maio já mostraram um impacto significativo nas atividades turísticas, que deve persistir até a retomada completa das operações no Aeroporto. Outro desafio está relacionado com a necessidade de recompor ativos domésticos, automóveis e, em muitos casos, as próprias residências. Esses gastos podem desviar recursos que seriam utilizados no consumo de serviços para a compra de bens de reposição no comércio e na indústria.

<sup>3</sup> O indicador da Sefaz-RS que mede a variação do volume das vendas da indústria resulta da variação do valor deflacionado por um índice de preços composto. Já a variação do volume da PIM é explícita. Apesar de serem diferentes, o dado da Sefaz-RS pode ser

interpretado, com certa cautela, como um bom indicador antecedente do indicador da PIM-IBGE.

## PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

**Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — jan./2024-jun./2024**

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	JAN/24	FEV/24	MAR/24	ABR/24	MAI/24	JUN/24
<b>Indústria de transformação</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-5,6	9,0	0,1	0,4	-26,2	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-4,9	17,9	-2,6	12,1	-22,7	-
Acumulado em 12 meses .....	-4,6	-2,4	-2,1	-0,7	-2,7	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,2	0,5	1,2	0,0	-2,2	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	3,1	5,5	-3,6	10,3	-1,2	-
Acumulado em 12 meses .....	-0,8	-0,1	-0,5	0,6	0,5	-
<b>Comércio varejista ampliado</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	3,6	1,6	-0,8	-0,4	-2,8	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	4,9	7,5	3,8	9,7	0,4	-
Acumulado em 12 meses .....	0,9	1,1	1,3	2,5	3,0	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	2,5	0,9	0,5	-0,8	0,8	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	6,8	9,7	-1,4	5,0	5,0	-
Acumulado em 12 meses .....	2,9	3,7	2,9	3,3	3,7	-
<b>Serviços</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,2	2,4	-7,5	0,9	0,6	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	0,5	7,7	-7,8	-2,5	-5,4	-
Acumulado em 12 meses .....	3,6	3,8	2,6	2,0	0,7	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,4	-0,8	0,6	0,3	0,0	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	3,8	2,4	-2,1	5,5	0,8	-
Acumulado em 12 meses .....	2,3	2,1	1,4	1,6	1,3	-
<b>Preços</b>						
IPCA-Região Metropolitana de Porto Alegre .....						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,13	0,52	-0,13	0,64	0,87	-0,14
Acumulado em 12 meses .....	4,53	4,29	2,86	3,02	3,83	3,71
IPCA-Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,42	0,83	0,16	0,38	0,46	0,21
Acumulado em 12 meses .....	4,51	4,50	3,93	3,69	3,93	4,23

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2024b).  
 Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2024c).  
 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2024d).  
 Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2024e).

## REFERÊNCIAS

AMITRANO, C. R.; MORA Y ARAUJO, M.; DOS SANTOS, C. H. M. Visão Geral da Conjuntura. **Carta de Conjuntura (IPEA)**, Brasília, DF, n. 63, nota 27, 2 trim. 2024. Disponível em:  
[https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/07/240710\\_cc\\_63\\_nota\\_27.pdf](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/07/240710_cc_63_nota_27.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2024a. Disponível em:  
<https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1**. Brasília, DF: BCB, 2024b. Disponível em:  
<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: SPGG/DEE, v. 6, n. 1, 2024. Disponível em:  
<https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202404/23110239-boletim-de-conjuntura-do-rs-v-6-n-1-abr-2024-1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2024a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: maio 2024. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2024b. Disponível em:  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNWl5NWl0ODlEYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWI2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWw5LWVmOThmYmFmYTtk3OCJ9>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CONAB. **Boletim da safra de grãos**. 10.º Levantamento — Safra 2023/2024. Brasília: Conab, 2024. Disponível em: [\[agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos\]\(#\). Acesso em: 12 jul. 2024.](https://www.conab.gov.br/info-</a></p></div><div data-bbox=)

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2024a. Disponível em:  
[http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos\\_semanais.php#.YMql1ahKjIU](http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMql1ahKjIU). Acesso em: 12 jul. 2024.

EMATER/RS. **Informativo Conjuntural**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, nº 1812, 25 abr., 2024b. Disponível em:  
[https://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/conjuntural/conj\\_25042024.pdf](https://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/conjuntural/conj_25042024.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice de Preços ao Produtor. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ipp/tabelas>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2024c. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2024d. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2024e. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 1.º trimestre de 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024f. Disponível em:

<https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – referência 2010 – 1º trimestre 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 12 jul. 2024.

IMF. **World economic outlook:** Steady but slow resilience amid divergence. Washington, DC: IMF, apr. 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2024/04/16/world-economic-outlook-april-2024>. Acesso em: 10 jul. 2024.

NETHERLANDS. Central Planning Bureau. **CPB world trade monitor.** Haia: CPB, jan. 2024. Disponível em: <https://www.cpb.nl/en/world-trade-monitor-april-2024>. Acesso em: 10 jul. 2024.

OECD. **OECD economic outlook**, n. 115. Paris: OECD Publishing, may, 2024a. Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. 2024. Acesso em: 10 jul. 2024.

OECD. **Quarterly GDP.** Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. 2024b. Acesso em: 10 jul. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Boletim econômico-tributário.** Porto Alegre: SEFAZ, Edição nº 08, 2024a. Disponível em: [https://fazenda.rs.gov.br/upload/1721529639\\_Boletim%20Econ%C3%B4mico-Tribut%C3%A1rio%20Receita%20Estadual\\_Enchentes%202024\\_Edi%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%2008.pdf](https://fazenda.rs.gov.br/upload/1721529639_Boletim%20Econ%C3%B4mico-Tribut%C3%A1rio%20Receita%20Estadual_Enchentes%202024_Edi%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%2008.pdf). Acesso em: 23 jul. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados.** Porto Alegre: SEFAZ, 2024b. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral.** Porto Alegre: SPGG/DEE, 2024c. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 12 jul. 2024.

WORLD BANK. **Global economic prospects.** Washington, DC: World Bank, jun. 2024a. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/global-economic-prospects>. Acesso em: 10 jul. 2024.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data.** Washington, DC: World Bank, jul. 2024b. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>. Acesso em: 10 jul. 2024.



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL